

## MEMÓRIAS DE DESPEJOS: TESTEMUNHOS E RECORDAÇÕES EM CENÁRIOS DE REMOÇÃO FORÇADA

Taís Freire de Andrade Clark (UFMG)<sup>1</sup>

**Resumo:** A partir da obra *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, em que a autora, influenciada pela experiência de um despejo vivenciada na infância em Belo Horizonte, expõe o cotidiano de uma favela através do olhar da criança Maria-Nova, “con(fundindo) escrita e vida”, pretende-se analisar a relevância da literatura-testemunho em um contexto social marcado por conflitos urbanos. Para isso, são feitas comparações entre as recordações trazidas por personagens do livro de Evaristo e relatos dos moradores da Izidora, no intuito de evidenciar uma realidade social invisibilizada pelas mídias tradicionais, denunciando as graves violações de Direitos Humanos vivenciadas por pessoas em situações de vulnerabilidade.

**Palavras-chave:** Literatura-testemunho; Escrevivência; Despejo; Remoção Forçada; Conceição Evaristo.

### Introdução


O objetivo deste trabalho é fazer um paralelo entre as remoções forçadas vividas pela personagem Maria-Nova no livro *Becos da Memória* de Conceição Evaristo, com a realidade dos moradores da Ocupação Izidora, localizada na Região Metropolitana de Belo Horizonte, mostrada no documentário *Na Missão, Com Kadu* de Aiano Bemfica, Kadu Freitas e Pedro Maia Brito. A ideia é analisar a relevância da literatura-testemunho em um contexto social marcado por conflitos urbanos e a importância do reconhecimento de “histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos” (BENJAMIN, 2012, p.214).

Este trabalho procura guiar-se pelas seguintes considerações sobre a ideia de narrativas da memória e do testemunhado:

No nível pragmático se podem observar dois elementos fundamentais do testemunho: a função paradigmática ou de denúncia de um feito ou de uma vida e a autorização letrada do testemunho de circunstâncias, vidas ou feitos que não são patrimônio da história oficial ou que tenham sido ignorados pela história e pela tradição vigente e hegemônica em tempos anteriores. Por outro lado, é no nível do enunciado: quer dizer, na escritura ou na transcrição do testemunho, particularmente na do iletrado, onde se jogam alguns dos elementos centrais do testemunho, a saber: o registro da voz do Outro e o

---

<sup>1</sup>: Graduada em Direito (UFMG), Mestranda em Arquitetura e Urbanismo (UFMG). Contato: taisclark@gmail.com.



chamado efeito de oralidade/verdade. (ACHUGAR, 1992, p. 60, tradução nossa).<sup>2</sup>

Quando tratamos de contextos sociais marginalizados, o testemunho se apresenta não só como uma forma de denúncia das violações de direitos humanos sofridas, mas como possibilidade de manifestação subjetiva das potencialidades do indivíduo. Tanto em *Becos da Memória*, quanto *Na Missão, Com Kadu*, podemos encontrar expressões artísticas que retratam um modo de vida distinto daquele que é veiculado e enaltecido pelas mídias tradicionais, proporcionando um espaço para a reflexão sobre *a cidade que queremos*.

### **Memórias dos Becos**


Em *Becos da Memória*, Conceição Evaristo, influenciada pela experiência de um despejo vivenciado na infância em Belo Horizonte, expõe o cotidiano de uma favela através do olhar da criança Maria-Nova, “con(fundindo) escrita e vida.” A narrativa busca dar corpo à memória dos moradores da favela, em contraposição aos estereótipos comumente associados aos negros em nossa sociedade.

A autora se preocupa especialmente em abordar as relações entre os moradores da favela, com enfoque nas relações entre as mulheres e nas histórias dos tempos de escravidão, tão presentes e tão marcantes na construção da identidade dos personagens. O plano de fundo da narrativa é o processo de “desfavelamento” em pleno vapor simbolizado pelos tratores: “monstros pesadões” que aos poucos vão expulsando os moradores e passando por cima dos barracos.

A favela da história é fictícia. No entanto, o processo de desfavelamento, como denominado pela autora, é muito comum e se constitui como uma prática que, embora relacionada a um determinado contexto histórico, ainda não foi superada. Foi o que aconteceu, inclusive, na Pindura Saia, favela em que a autora viveu na infância da qual existem poucas casas remanescentes. Segundo Tatiana Melo (2012, p. 39) “a população

---

<sup>2</sup>No original: “En el nivel pragmático se pueden observar dos elementos fundamentales del testimonio: la función ejemplarizante o de denuncia de un hecho o de una vida y la autorización letrada del testimonio de circunstancias, vidas o hechos que no son patrimonio de la historia oficial o que han sido ignorados por la historia o la tradición vigente y hegemónica en tiempos anteriores. Por otra parte, es a nivel del enunciado: es decir, en la escritura o en la transcripción del testimonio, particularmente en el del iletrado, donde se juegan algunos de los elementos centrales del testimonio, a saber: el registro de la voz del Otro y el llamado efecto de oralidad/verdad.” (ACHUGAR, 1992, p. 60).



da Favela Pindura Saia no início da atuação da CHISBEL<sup>3</sup> era de 1.660 habitantes e 365 domicílios. No que restou desta favela, dividida em três núcleos, somam-se hoje 364 habitantes.”

“O final da década de 60 e início da década de 70 foi um período marcado por intenso trabalho de terraplenagem, demolições e construções naquela região, configurando-a como um grande canteiro de obras” (MELO, 2012, p. 37). Em 1967, no contexto de urbanização de Belo Horizonte e de valorização imobiliária da região centro-sul, iniciou-se o processo de remoção da Pindura Saia para a abertura de vias estruturantes dos novos bairros da região, dentre elas a Avenida Afonso Pena. “A partir do mês de outubro de 1971, sob a administração do Prefeito Oswaldo Pieruccetti, foram realizadas as remoções de maior vulto na Pindura Saia, dirigidas pela recém criada [...] CHISBEL.” (MELO, 2012, p. 37).


Em *Becos da Memória* os moradores são removidos de suas casas por uma construtora (proprietária do terreno) que pretende realizar um empreendimento no local. Nesse contexto, os tratores, além de prepararem o terreno para receber o empreendimento, são utilizados como uma forma de “incentivo” para os moradores saírem de suas casas, causando muita destruição, barulho, poeira e até a morte de crianças em um terrível acidente. O transtorno causado pela construção é tão grande, que vários moradores acabam abandonando a favela antes mesmo de receberem a “ordem de despejo”.

O processo de desfavelamento narrado ocorre na transição da década de 60 para 70. Apesar das mudanças sócio-espaciais ocorridas nas favelas desde então, esse processo continua existindo e ocorre de forma muito semelhante ao retratado. Em uma espécie de prefácio de seu livro, Evaristo diz que:

*Becos da memória* é uma criação que pode ser lida como ficções da memória ao narrar a ambiência de uma favela que não existe mais. Continuo afirmando que a favela descrita em *Becos da memória* acabou e acabou. Hoje, as favelas produzem outras memórias, provocam outros testemunhos e inspiram outras ficções. (EVARISTO, 2013, p. 13).

---

<sup>3</sup> A CHISBEL – Companhia de Habitação e Interesse Social de Belo Horizonte – foi um órgão vinculado à prefeitura de Belo Horizonte responsável por grande parte do desfavelamento da cidade na década de 70.



Pensando nessas considerações feitas pela a autora, durante a leitura de *Becos* foi inevitável não pensar na produção de outras memórias e outros testemunhos que marcam atualmente Belo Horizonte: os relatos dos moradores da Izidora. A Ocupação Izidora, apesar de não ser uma favela, possui características muito próximas à realidade de *Becos da Memória*.


### **Testemunhos da Izidora**

Localizada na divisa de Belo Horizonte com Santa Luzia, em uma propriedade de aproximadamente mil hectares, a Izidora é constituída por três ocupações (Rosa Leão, Vitória e Esperança), que juntas, abrigam mais de oito mil famílias. Atualmente a Ocupação Izidora se configura como o maior conflito fundiário urbano da América Latina (tanto considerando sua abrangência territorial, quanto seu número de habitantes), sendo tratado pela ONU como um dos sete conflitos fundiários mais graves do mundo. (INDISCIPLINAR, 2015).

A maior parte do terreno ocupado pelas famílias pertence à empresa Granja Wernek e desde 2013 se constituiu como objeto de um complexo entrave judicial que ultrapassou as fronteiras dos tribunais, ganhando importância política no contexto nacional e mais recentemente, global. Conforme pesquisa desenvolvida pelo grupo Indisciplinar (2015):

Há pouco mais de um século o Município de Belo Horizonte doou área pertencente à região da Izidora, à época qualificada como suburbana ou rural, para a família Werneck, sob a condição de ali ser construído um sanatório modelo. Trata-se do Decreto nº 82 de 1914 que foi revogado pela Lei Municipal 6.370/1993. Questiona-se, embora não tenha ainda havido comprovação, de que parte da área doada pelo Município de Belo Horizonte pertencia ao Município de Santa Luzia.

O sanatório foi construído e o restante do terreno, caracterizado pela larga extensão de área verde preservada, permaneceu intacto, sendo utilizado apenas para especulação imobiliária. Em 2000, os investimentos feitos no vetor norte de Belo Horizonte (construção da Linha Verde, implantação da Cidade Administrativa e requalificação do aeroporto Tancredo Neves em Confins), aliados ao interesse do mercado imobiliário em explorar a última área não parcelada do município,



transformaram a região do Isodoro<sup>4</sup> em um grande objeto de disputa. (INDISCIPLINAR, 2015).

Em um “emaranhado ambíguo de legislações que buscam combinar proteção ambiental, urbanização técnica e social, habitação social e obras de infraestrutura, para proveito unilateral do mercado imobiliário” (INDISCIPLINAR, 2015), a Granja Wernek manifestou seu interesse de vender o terreno para a construtora Direcional e em 2012 foi assinado um contrato de compra e venda objetivando a construção de habitação de interesse social por meio do Programa Minha Casa Minha Vida em parceria com a Caixa Econômica Federal. A aprovação do empreendimento ocorreu em meio a denúncias de corrupção e irregularidades nos instrumentos urbanísticos utilizados para viabilizar a construção. (INDISCIPLINAR, 2015).


Paralelamente à disputa imobiliária pelo território, o aumento dos aluguéis da região metropolitana de Belo Horizonte e o investimento feito no vetor norte começaram a despertar o interesse da população local pelo terreno “vazio”. Em meados de 2013, de forma espontânea, milhares de pessoas começaram a ocupar a região e fixar moradia, constituindo hoje a Ocupação que se denomina Izidora.

Desde então os moradores da Ocupação sofrem com a ameaça de remoção forçada, ou de “desfavelização”, além de serem vítimas de discriminação e sofrerem inúmeras violações de Direitos Humanos, muito semelhantes às narradas por Evaristo. O documentário mencionado, assim como a “escrevivência” de Evaristo, destaca, através do olhar dos próprios moradores, uma vez que somos guiados pelas ruas da Izidora pelo Kadu, morador e produtor do filme, a forma de vida de uma população marginalizada.

Assim como em *Becos da Memória* a tensão com a eminência do despejo perpassa por toda a trama, chegando a seu ápice na marcha realizada pelos moradores em 2015 até a Cidade Administrativa (sede do governo do Estado de Minas Gerais),

---

<sup>4</sup> A região é conhecida formalmente como Isidoro (com “s” e no masculino), devido ao córrego do Isidoro que atravessa o terreno. No entanto, os próprios moradores observando mapas antigos da capital mineira, descobriram que antigamente a região era denominada Izidora (com “z” e no feminino), aparentemente em homenagem a uma escrava alforriada de mesmo nome a quem foi doado o terreno. Embora não exista comprovação de que tal escrava existiu, fato é que os mapas antigos de Belo Horizonte identificavam a região com o nome feminino, tendo sido alterado ao longo do tempo para o masculino. Ao tomarem conhecimento da história do território, as lideranças das três ocupações, optaram por alterar seu nome para Izidora, reafirmando também o importante papel das mulheres negras na luta pela moradia hoje e sempre.



reivindicando uma negociação mais justa para o conflito. A manifestação, composta em grande parte por crianças e idosos foi duramente reprimida pela Polícia Militar, resultando em várias pessoas feridas.


O cenário da manifestação era composto por famílias, inclusive crianças, idosos e gestantes, que já participaram de marchas anteriores promovidas pelas mesmas ocupações, sempre pacíficas. Contudo, antes de chegarem ao ponto de retorno, no momento em que havia crianças jogando bola à frente da marcha, e que manifestantes negociavam com chefes da operação policial, a Polícia iniciou disparos de armas de bala de borracha e lançamento de bombas de gás lacrimogêneo e de efeito moral de forma desavisada na direção dos manifestantes. A situação de desespero entre os moradores generalizou-se, com grande correria e tentativa de proteção das pessoas, principalmente das crianças. Isso porque os policiais corriam atrás dos moradores empunhando as armas na direção dos manifestantes, inclusive das mães que tentavam fugir do foco do tumulto com suas crianças, o que restou claro nos vídeos publicizados na internet e nos relatos coletados. (COLETIVO MARGARIDA ALVES, 2015, p.2).

### **“Monstros pesadões”**

Os habitantes da Izidora vivem em um estado constante de medo e tensão, no qual os helicópteros da PM desempenham um papel de destaque. Eles sobrevoam continuamente a ocupação, jogando feixes de luz e voando baixo para provocar barulho e incômodo nos moradores. Nesse contexto, essas grandes máquinas são como os “monstros pesadões” de Evaristo, sendo utilizadas como instrumento para forçar a saída das pessoas do território, sem precisar realizar uma megaoperação de reintegração de posse, o que, se viesse a ocorrer, acarretaria um grave ônus político para o governo.

Ou seja, os helicópteros, além de provocarem nos moradores a sensação de estarem sendo permanentemente vigiados, servem como aquele “incentivo” para eles deixarem suas casas. Bem semelhante aos tratores de *Becos da Memória*, que tem presença constata na obra:

Os tratores continuavam firmes o trabalho na favela. O dia inteiro era um infernal barulho. Um sobe-desce, um vai e vem do monstro pesadão. Os terrenos em declive, os buracos, os restos de barracos eram soterrados rapidamente. (EVARISTO, 2013, p. 179).



Tio Totó escutava os barulhos dos tratores desejando ensurdecer. Aos poucos foi rareando as idas ao armazém de Sô Ladislau. Para chegar ao armazém, era preciso atravessar uma área da favela em que o bicho andava solto, arando, derrubando tudo e todos. (EVARISTO, 2013, p. 180).

### **Tragédias**

Em relação à eminência da remoção forçada, outra característica comum entre as duas realidades é a violência vivenciada pelos moradores. Em *Becos da Memória* ocorre um episódio fatídico em que os “homens-vadios-meninos” saem durante a noite para brincar nos tratores estacionados e acabam morrendo em um trágico acidente. Na Izidora, Kadu relata um acontecimento também trágico:

Kadu: O que eu fiquei chateado é que tem uma vizinha, uma vizinha assim, né? Uma pessoa. Que também estava na marcha, uma senhora, que tem quantos anos, Aninha, mais ou menos?

D. Ana: Ela falou que tem 47 anos.


Kadu: Então, ela perdeu a vista direita por causa do dia lá também. (BEMFICA; FREITAS; BRITO, 2016).

O dia a que ele se refere é o dia em que ocorreu a marcha para a Cidade Administrativa. Após esse episódio, quatro meses depois do documentário ter sido filmado, Kadu foi barbaramente assassinado chegando na Ocupação. Portanto, além de retratar a vida na Izidora, o documentário é também uma homenagem póstuma a Kadu.

### **O afeto**

Em *Becos da Memória* uma característica marcante da favela é a relação entre os moradores, pautada muitas vezes pelo afeto e amizade entre os vizinhos, apesar de compartilharem tanto sofrimento e tristeza. Na narrativa de Evaristo o “coração grande” de alguns personagens é sempre evidenciado. Vó Rita, por exemplo, abriga em sua casa, sem pedir nada em troca, uma pessoa doente (a “Outra”), portadora de hanseníase. Bondade, como o próprio nome já indicada é conhecido por sempre ajudar a todos, sem preconceito ou discriminação, assim como Tio Totó, Maria-Velha e muitos outros personagens, como fica claro nesse trecho ao fim do livro:

Maria-Nova estava pensando muito no que seria a vida das duas e onde iriam morar. A Outra não tinha parente algum que se importasse



com ela. O marido havia fugido dela há anos. E nos últimos tempos o filho também. Já estavam mesmo vivendo da caridade alheia. Vó Rita saía à rua, ganhava alguma coisa e trazia. Bondade também, naqueles dias de saídas misteriosas dele da favela, sempre trazia mantimentos para as duas. (EVARISTO, 2013, p. 251-2).

Na Izidora não é diferente. A ocupação é organizada de uma forma muito mais coletiva do que um bairro comum de qualquer cidade. Os moradores se conhecem e são solidários uns aos outros. Na casa de Dona Ana e Sr. Adão, desde o início da ocupação várias pessoas já encontraram abrigo e foram acolhidas com o também “coração grande” de Aninha, que se considera, em suas próprias palavras, “a mãe de toda a Ocupação.”

Kadu: Eu tô morando aqui com ela. Na verdade eu tô lá.

D. Ana: O Kadu desde o começo que ele mora aqui com nois, né?

Kadu: Eu construí ali um cômodo e um banheiro ali... Só que tinha uma dona que tava precisando e eu deixei ela ficar ali, aí eu to ficando aqui por enquanto. Até terminar de construir o dela ali em cima também. (BEMFICA; FREITAS; BRITO, 2016).

### **Conclusão**

Apesar dessas duas histórias/realidades apresentarem personagens/pessoas que possuem muitas características em comum, vivendo em contextos muito semelhantes, tudo indica que a Izidora terá um destino diferente daquele da favela de *Becos da Memória*. A luta e a resistência dos moradores e da rede de apoio foi tamanha que comoveu pessoas pelo Brasil e pelo mundo, o que acabou ocasionando a suspensão do despejo.

A literatura-testemunho, assim como a crescente produção de filmes, músicas e outras formas de arte que salientam as vozes de grupos subalternos e minorias sociais são de grande importância para evidenciar uma realidade social invisibilizada pelas mídias tradicionais, denunciando as graves violações de Direitos Humanos vivenciadas por pessoas em situações de vulnerabilidade e ignoradas pelo poder público. O aumento da produção, publicação e divulgação desse tipo de obra é essencial para proporcionar vitórias como a dos moradores da Izidora (que apesar de ainda não terem garantido definitivamente na justiça seu direito à moradia, conseguiram suspender o despejo que era dado como certo e que no momento ainda continua suspenso).



“Enquanto morar for um privilégio, ocupar é um direito.”

*Resiste Izidora!*

*Resiste UERJ!*

### Referências bibliográficas

ACHUGAR, Hugo. Historia paralelas / Ejemplares: La historia y la voz del otro. *Revista de Crítica Literaria Latinoamericana*, Año 18, No. 36, La Voz del Otro: Testimonio, Subalternidad y Verdad Narrativa (1992), p. 51-73.

BEMFICA, Aiano; FREITAS, Kadu; BRITO, Pedro Maia de. *Na Missão, Com Kadu*. [Filme-vídeo]. Produção de Aiano Bemfica e Pedro Maia de Brito, direção de Aiano Bemfica, Kadu Freitas e Pedro Maia de Brito. Belo Horizonte, 2016. 25 min. color. som.

BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. In: Walter Benjamin: obras escolhidas – magia e técnica, arte e política. Traduzido por Sérgio Paulo Rouane. 8ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.

COLETIVO MARGARIDA ALVES. Relatório sobre as agressões perpetradas pela Polícia Militar de Minas Gerais em manifestação de moradores da Izidora na data de 19/06/2015 em Belo Horizonte/Minas Gerais. **Relatório**. Belo Horizonte, 2015. Disponível em: <<http://coletivomargarida.blogspot.com.br/2015/06/relatorio-sobre-as-agressoes.html?view=timeslide>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

EVARISTO, Conceição. *Becos da memória*. 2ª Ed. Florianópolis: Editora Mulheres, 2013.

INDISCIPLINAR. OU Isidoro. Indisciplinar, 2015. Disponível em: <[http://oucqh.indisciplinar.com/?page\\_id=696](http://oucqh.indisciplinar.com/?page_id=696)>. Acesso em: 16 ago. 2017.

MELO, Tatiana Soledade Delfanti. *A Vila Santa Isabel na Avenida Afonso Pena: a experiência positiva da moradia popular em região central de Belo Horizonte*. 2012. 232 f. Dissertação. Núcleo de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte. 2012. Disponível em: <[http://www.arq.ufmg.br/praxis/textos/disserta\\_tatiana.pdf](http://www.arq.ufmg.br/praxis/textos/disserta_tatiana.pdf)>. Acesso em: 16 ago. 2017.